



MUSEU DO
DINHEIRO
BANCO DE PORTUGAL

Cada dia

Pedro Valdez Cardoso

Cada dia nos meus pés

A obra de Pedro Valdez Cardoso (Lisboa, 1974) confronta-nos com um elenco de questões que atravessam a história social da humanidade. Seria porventura mais óbvio falar da condição humana, mas no meu entender essa categoria revela-se na obra de Valdez Cardoso em diversos desdobramentos, onde a prática artística é crucial para compreendermos alguns dos mecanismos da representação e interpretação que o artista desenvolve com forte asserção crítica. Por outro lado, esta prática conhece um léxico formal e conceptual dificilmente identificável com uma qualquer disciplina artística ou com uma outra filiação estética, independentemente do tema abordado pelas suas obras, as quais, na maior parte dos casos, não se circunscrevem ao tema enquanto objeto mas de facto ao contexto em que esse tema se inscreve.

É este o caso da exposição cada dia, apresentada no espaço do Museu do Dinheiro. Consiste em duas obras, intituladas “cada dia” e “em pé”, que se configuram por um uso austero (mas de certa forma genérico) dos materiais, como é reconhecido no trabalho deste artista. Uma carroça e um par de chinelos constroem um arco temporal e simbólico que nos leva a pensar sobre o credo religioso, “O pão nosso de cada dia nos dai hoje” (Mateus 6:11), decorrente da “Oração que o Senhor nos ensinou”, mas que se tornou também uma expressão popular. A ligação entre a formulação do sagrado na existência humana, o pão como o corpo de Cristo, e o vernáculo que estabelece essa consciência universal presente no “pão nosso de cada dia”, cuja transmissão boca a boca traduz o valor do alimento, o valor do trabalho e simultaneamente o valor da escassez e dos meios, constrói-se nestas obras por uma pele de sarapilheira que reveste a carroça e pela folha de ouro que reveste os chinelos. Estes materiais, por um lado pobres e por outro nobres, mas resistentes ao tempo, oferecem ao espectador um diálogo ambíguo com uma pilha de pães em ouro que a carroça suporta, estacionada no coro alto da antiga Igreja de São Julião. Este lugar, outrora sagrado, foi posteriormente uma garagem e é hoje um museu que decanta uma história do dinheiro. Os chinelos são assim a memória do caminho, do corpo que lhe assenta e um sinal da humanidade em trânsito permanente, que o ouro transforma numa relíquia dos inúmeros caminhos que o dinheiro desenha nas sociedades humanas.

Coordenação, montagem
e iluminação de exposição
Museu do Dinheiro

Ensaio

João Silvério

Design gráfico,
comunicação, segurança
Banco de Portugal

Tradução

José Roseira

É neste sentido que referi acerca da obra de Pedro Valdez Cardoso que o tema enquanto objeto abre outros campos ao contexto em que esse tema se inscreve. Neste âmbito, o cruzamento de referências tem fontes tão diversas como as que o artista, enquanto homem, introduz nas suas obras e noutras que estão agregadas à história do lugar, não apenas enquanto correlato do passado, mas essencialmente enquanto reflexão sobre o presente.

João Silvério | Junho 2016

30 de junho a 15 de outubro | Programa “Plano Tangente” – Museu do Dinheiro

Pedro Valdez Cardoso (Lisboa, 1974).

Vive e trabalha em Lisboa.

Das exposições individuais recentes, destacam-se: Catedral, Museu Nogueira da Silva, Braga, PT (2016); Ártico: narrativa e fantasmática, CIAJG – Centro Internacional das Artes José de Guimarães, Guimarães, PT (2015); Ártico, Carpe Diem Arte e Pesquisa, Lisboa, PT (2015); outra coisa, Galeria Caroline Pagès, Lisboa, PT (2014); Reino, Convento de Cristo, Tomar, PT (2014); The Devil’s Breath – Parte III, MACE – Museu de Arte Contemporânea de Elvas, PT (2014); Discurso do Método, IVAM – Instituto Valenciano de Arte Moderno, Valência, ES (2013). Entre as exposições colectivas em que participou, incluem-se: Materiais Transitórios (Núcleo de Escultura da Coleção da Fundação PLMJ), Sociedade Nacional de Belas-Artes, Lisboa, PT (2016); Andante Giocoso, Galeria Mario Mauroner Contemporary Art, Viena, AU (2015); Experiência da Forma II, MUDAS – Museu de Arte Contemporânea da Madeira, Calheta/Funchal, Ilha da Madeira, PT (2015); ANO ZERO – Bienal de Arte Contemporânea de Coimbra, Museu Botânico, Coimbra, PT (2015); Ignoto, Centro de Artes de Sines e Centro Cultural Emmerico Nunes, Sines, PT (2015); Pontos Colaterais – Coleção Arte Contemporânea Arquipélago, uma seleção, ARQUIPÉLAGO – Centro de Artes Contemporâneas, S. Miguel, Açores, PT (2015); Devour!, Freies Museum (in collaboration with Savvy Contemporary), Berlim, DE (2015); Território de Trabalho – Laboratório das Artes 10 Anos, Centro Cultural Vila Flor, Guimarães, PT (2015); Colónia Apócrifa, Museu de Arte Contemporânea de Castilla Y Leon, ES (2014); Paisagem e Natureza, Museu de Évora, Évora, PT (2013); Para Além da Historia, Centro Internacional das Artes José de Guimarães, Guimarães, PT (2012). É detentor de vários prémios de arte e o seu trabalho encontra-se representado em diversas coleções particulares e institucionais em Portugal e no estrangeiro.

www.pedrovaldezcardoso.com